

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA  
ALAIN TANNER: UM SUÍÇO EM FUGA  
29 de novembro de 2022

# LE MILIEU DU MONDE / 1974

*(O Cento do Mundo)*

um filme de Alain Tanner

**Realização:** Alain Tanner / **Argumento:** Alain Tanner e John Berger / **Adaptação e Diálogos:** Alain Tanner / **Director de Fotografia:** Renato Berta / **Som:** Pierre Gamet / **Montagem:** Brigitte Sousselier / **Música:** Patrick Moraz / **Cenários:** Serge Etter / **Fotografia:** Carlo Varini, Daniel Briedler / **Som:** Luc Yersin / **Assistente de Realização:** Michel Schopfer, Nicolas Philibert / **Assistente de Montagem:** Marc Blavet / **Mistura:** Peter Begert / **Interpretação:** Olimpia Carlisi (Adriana), Philippe Léotard (Paul), Juliet Berto (Juliette), Denise Péron (a viúva Schmidt), Jacques Denis (Marcel), Roger Jendly (Roger), Gilbert Bahon (Albert), Pierre Walker (Presidente ADP), Paul Pasquier (Gavault), Adrien Nacati (pai de Paul).

**Produção:** Citel Films Genève, Action Films Paris, SSR (Genebra) / **Produtor:** Bernard Lorain / **Produtor Associado:** Yves Gasser / **Cópia:** dcp, colorida, legendada eletronicamente em português, 116 minutos / **Estreia em Portugal:** Cinema S. Luís, em 2 de Abril de 1975.

---

Aquilo que torna um filme datado é muito mais o seu excessivo compromisso com uma ideia de futuro, do que com as realidades do seu presente. **Le Milieu du Monde** insinua, de diversos modos, uma vontade de se projectar na eternidade, ao converter o seu olhar sobre o que lhe é actual num processo de ordenação do mundo, numa resposta cabal e acabada aos equívocos do afecto.

De novo Tanner tenta demonstrar que o cerne, a essência das diversas realidades que defronta – afectiva, racial, cinematográfica – não passa de um vazio, regulado pela transcendente ordem da Natureza (as pequenas anotações sobre os ciclos estivais e as variações climatéricas). Para os seres que pretendem atingi-lo o processo é de esvaziamento, para o cinema que os transporta e descreve nesse devir, o método adoptado é a depuração, a distância.

Alicerçando toda a sua concepção de cinema nessa busca de vazio, Tanner restringe as suas opções, de forma quase exclusiva, a dois eixos estilísticos: a recusa da narratividade e a ausência de efeitos de montagem.

O primeiro fica garantido em **Le Milieu du Monde** com o recurso à história mais clássica e banal que poderia existir. Entregue ao espectador a chave da intriga logo de início, pretende-se, assim, tudo dissolver no pano de fundo das ideias fundamentais que daí podem derivar, e nessa identificação o que acaba por ressaltar é muito mais a incapacidade de Tanner em decidir o rumo para que aponta, impedindo que a sua

proposta ganhe convicção e veemência. Tudo parece desculpar-se reciprocamente: a ausência de narrativa pela falta de história, a falta de história pela inconsistência fundamental do mundo e essa inconsistência pela ausência de narrativa, fechando um círculo vicioso de desresponsabilização. Deste modo, os personagens nunca se envolvem consigo mesmos, não porque neles se manifeste uma recusa ou uma impossibilidade intrínseca, mas porque – traição de Tanner – lhes é negada à partida, pelo modo como se dispõem cinematograficamente, qualquer possibilidade de assunção. O desgarramento narrativo, que enfada quando se cristaliza em longas e prosaicas tiradas com intenções filosóficas, resulta assim, não de uma opção ética ou estética, mas de uma insuficiência formal.

Este vício de forma acaba por inverter-se na tal ausência de efeitos de montagem. Disse muito certamente o crítico do "Positif" na recensão do **Le Milieu du Monde**: "eles (os personagens) sofrem da confusão do realizador entre 'distância' e 'distanciação'". A esta pode juntar-se a afirmação de Buache: "esta frágil trama romanesca não se vai tornar o assunto da narrativa, mas o quadro." Decidido a assumir de vez as suas influências, Tanner faz deste filme uma declaração brechtiana. Mas é uma frontalidade equivocada: o cinema não consegue reflectir-se nem reflectir sobre a sua matéria; o movimento de pôr-se de fora para devir para si – a "distanciação" de Brecht – fica sistematicamente interrompido quando se privilegia a composição do quadro abandonando a sua exposição. Os efeitos de simetria, a premeditada disposição das figuras dentro do enquadramento e, finalmente, a duração das cenas durante toda a sequência, tornam-se dispositivos de afastamento ou de mediação. Mais uma vez, querendo apenas mostrar, Tanner cede à tentação de demonstrar, de cair em redundâncias didácticas, acreditando, afinal, que o cinema não se basta a si mesmo.

O centro do mundo é um local próximo de La Sarraz onde as águas do rio que por aí corre se partilham, correndo uma para o Reno, a correr para Sul, e outra para o Ródano, rumo a Norte. Esse momento ou movimento, de separar a matéria líquida da natureza, de estabelecer as diferenças que ordenam o mundo, quis Tanner fazer o símbolo do seu filme: um esclarecimento sobre as paixões e as suas fronteiras sociais. Só que, é uma opinião, a arte falhou-lhe, traída pelos compromissos...

José Navarro de Andrade

---

*Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico*